

28 NOV 1986

INTEGRAÇÃO

Países da América Latina devem fortalecer economias, diz Sarney

por Guilherme Barros do Rio

"No Brasil, o presidente da República está procurando fazer sempre o melhor, sabendo que a única coisa que ele não tem direito é deixar de cumprir seu dever em qualquer circunstância." A declaração feita ontem, de improviso, pelo presidente da República, José Sarney, ao fim do seu discurso, foi interpretada pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, e pelo empresário paulista Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, como um recado do presidente à Nação de que ele é o grande responsável pelas decisões político-econômicas do governo e que não abdica responsabilidade pelas últimas medidas.

Sarney esteve ontem no Rio para participar do XXII Congresso Latino Americano de Industriais, onde chegou acompanhado dos ministros José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio, Paulo Brossard, da Justiça; Leonidas Pires Gonçalves, do Exército; Henrique Sabóia, da Marinha; e do chefe do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denys. Antes do congresso, Sarney tinha participado das comemorações da intenção Comunista, no Aterro do Flamengo.

Cercado por um forte esquema de segurança, Sarney evitou falar com a imprensa. Respondeu apenas a uma pergunta de uma jornalista da rádio e televisão argentina, o canal 13 de Buenos Aires, de que a visita do presidente argentino, Raúl Alfonsín, ao Brasil, a partir do próximo dia 8, representará o fortalecimento da integração dos países latino-americanos.

O presidente Sarney permaneceu durante uma hora no congresso promovido pela CNI. Ele tinha chegado a desmarcar sua ida ao encontro dos industriais latino-americanos, diante do clima tenso que reinava em Brasília; mas foi convencido por insistência de Albano Franco, que alega ser importante sua participação no evento.

Sarney não mostrava sinais de tensão quando desembarcou do ônibus que o levou da Urca até o Hotel Intercontinental, na Barra da Tijuca, junto com toda sua comitiva. Pelo contrário, chegou a cumprimentar e beijar alguns populares que conseguiram furar o cerco da sua segurança para lhe cumprimentar. O presidente respondia sempre com sorriso e sinais de carinho. Os únicos sintomas de apreensão foram demonstrados pelo forte esquema de segurança impedindo o acesso da imprensa ao presidente Sarney e a

declaração de seu assessor, Fernando Cesar Mesquita, de que seria impossível qualquer declaração de Sarney à imprensa.

Em seu discurso aos participantes do congresso promovido pela CNI, Sarney afirmou que "é comum, aos países latino-americanos, o esforço pela realização de uma negociação política sobre a dívida externa, bem como pela eliminação do protecionismo dos países industrializados".

O presidente Sarney enfatizou a necessidade de os países da América Latina encontrarem "fórmulas e mecanismos que nos levem na direção do fortalecimento de nossas economias e da expansão do comércio dentro da região". E acrescentou: "Muito do que compramos fora da região, poderemos comprar dentro da própria América Latina, se concebermos, em bases recíprocas, instrumentos comerciais adequados a esses propósitos".

Citando o exemplo do Mercado Comum Europeu, Sarney afirmou que ele "é a prova de que iniciativas desse gênero podem ter importantes desdobramentos. Também naquele caso ocorreu um processo gradual, iniciado num âmbito restrito de países, e que hoje beneficia toda a Europa Ocidental".

Sarney ressaltou, ainda,

a iniciativa adotada há alguns meses entre o Brasil e a Argentina, à qual se juntou o Uruguai, para a ampliação do comércio entre os três países. E citou que, no ano passado, as transações comerciais entre o Brasil e a Argentina foram de US\$ 800 milhões e, neste ano, o volume de recursos subiu para US\$ 2 bilhões, consequência, a seu ver, do acordo entre os dois países.

Sobre o encontro, Sarney reiterou também que o mais importante "é que não estamos aqui para lamentar a falta de solidariedade internacional", referindo-se "à falta de cooperação dos países desenvolvidos para a superação de nossos imensos problemas, nem sequer para constatar a falta de visão dos que esquecem que o desenvolvimento de nossos países, que a solução de nossos problemas sociais são um precioso instrumento de fortalecimento econômico para o próprio desenvolvimento e para o sistema econômico internacional".

O presidente reiterou, ainda, em seu discurso "que a nossa economia não pode continuar sendo uma economia de elites. Nossos mercados não devem dirigir-se apenas a um percentual reduzido de nossa população. A nossa economia e o nosso mercado interno devem ser de todos os brasileiros".

"Nenhuma rivalidade ou disputa"

Eis a íntegra do discurso do presidente José Sarney, ontem, no Rio no Congresso dos industriais da América Latina:

E com enorme prazer que abro este XXII Congresso Latino-Americano de Industriais. Trago aqui uma mensagem de esperança no futuro próximo da América Latina.

Os empresários e industriais latino-americanos podem pensar grande. Vivemos um momento histórico em que, em nossa região, é possível evitar que uns cresçam em detrimento de outros; que algumas indústrias se fortaleçam com a debilitação de outras. Pois, na realidade, podemos saltar para um novo patamar de produção e de renda. Esse salto qualitativo é viável: ele poderá vir com a expansão do mercado regional interno, fruto da integração.

E com a unidade e com a integração que poderemos reforçar a América Latina como pólo econômico e como um centro com voz própria no sistema mundial de poder.

Entre os países latino-americanos nenhuma rivalidade, nenhuma disputa, nenhuma competição, vale mais que sua vocação histórica para a integração, instrumento da paz e do desenvolvimento de nossos povos.

Se nós tivermos a coragem de ampliar o mercado para nossas indústrias pela liberalização do comércio dentro de nossa região; se nós ousarmos aumentar nossa capacidade produtiva pela conjugação de esforços de nossos países; se formos criativos também nos mecanismos financeiros e mesmo em entendimento monetário entre nossos países, evitando o uso de divisas em nossas trocas comerciais, a América Latina poderá encontrar, com seu próprio esforço, soluções para seus problemas.

E indispensável que nós vejamos uns aos outros como realmente somos: como países em desenvolvimento que podem entre si estabelecer uma relação horizontal, de igual para igual. Assim, sem desconfiar, com base em interesses recíprocos, podemos somar nossos esforços em proveito de todos e de cada um.

A iniciativa adotada há alguns meses entre o Brasil e a Argentina, à qual se juntou o Uruguai, pode desempenhar um importante papel histórico.

O exemplo do Mercado Comum Europeu é a prova de que iniciativas desse gênero podem ter importantes desdobramentos. Também naquele caso ocorreu um processo gradual, iniciado num âmbito restrito de países, e que hoje beneficia toda a Europa Ocidental.

O Brasil estará sempre disposto a analisar com todos e cada um dos países da América Latina fórmulas e mecanismos que nos levem na direção do fortalecimento de nossas economias e da expansão do comércio dentro da região. Muito do que compramos fora da região, poderemos comprar dentro da própria América Latina, se concebermos, em bases recíprocas, instrumentos comerciais adequados a esse propósito.

Os processos políticos pelos quais passa grande número de países em nossa região são uma razão a mais para cremos na possibilidade de dar um salto qualitativo em nossas economias. A democratização libera demandas das classes mais pobres e implica sua incorporação plena às vidas de nossos países. Populações até há pouco tempo esquecidas e marginalizadas passam a participar da produção e do consumo.

No caso do Brasil, reitero que a eliminação da miséria e a atenuação da pobreza são objetivos declarados da Nova República. A nossa economia não pode continuar sendo uma economia de elites. Nosso mercado não deve dirigir-se apenas a um percentual reduzido de nossa população. A nossa economia e o nosso mercado interno

Os pontos principais

O governo brasileiro está disposto a apoiar qualquer iniciativa para estreitar o relacionamento com os países da América Latina — esse foi um dos pontos de destaque do discurso feito ontem pelo presidente José Sarney no Congresso Latino-Americano de Industriais, no Rio. Outros tópicos importantes do seu pronunciamento foram os seguintes:

• Os países latino-americanos devem ampliar o mercado para suas indústrias liberalizando o comércio na região, conjugando esforços da sua capacidade produtiva e criando mecanismos financeiros e mesmo entendimentos monetários entre si para financiar as operações internas, evitando o uso de divisas nas trocas comerciais.

devem ser de todos os brasileiros.

Isso não apenas é instrumento de uma maior justiça social, mas também dará vigor novo a nossas indústrias, assim como poderá servir de base à multiplicação das iniciativas.

Senhores e senhoras, é natural que a prioridade externa do Brasil seja a América Latina.

Nossa visão da ordem mundial é comum. Sabemos todos que a ordem econômica do pós-guerra, que ainda hoje rege as relações econômicas internacionais, é injusta. Queremos revê-la. Desejamos também ter uma voz mais ativa na ordem política mundial, que hoje cristaliza o poder hegemônico das grandes potências.

Além disso, nossa apreciação da crise econômica internacional é convergente. Temos interesses semelhantes nas áreas comercial e financeira. Sabemos que há íntima relação entre os problemas internacionais dessas duas áreas. E com nosso esforço pela realização de uma negociação política sobre a dívida externa, bem como pela eliminação do protecionismo dos países industrializados.

Temos as mesmas aspirações de desenvolvimento tecnológico. Reivindicamos maior transferência de tecnologia dos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento e estamos decididos a aumentar também nessa área a cooperação horizontal na América Latina.

Mas o mais importante, neste encontro de hoje, é que não estamos aqui para lamentar a falta de solidariedade internacional. Os industriais latino-americanos não vieram aqui apenas para criticar a falta de cooperação dos países desenvolvidos para a superação de nossos imensos problemas. Nem sequer para constatar a falta de visão dos que esquecem que o desenvolvimento de nossos países, a solução de nossos problemas sociais, são um precioso instrumento de fortalecimento econômico para os próprios países desenvolvidos e para o sistema econômico internacional.

Está aqui reunido um número expressivo de industriais latino-americanos, pela convicção de que nós podemos fazer algo em nosso próprio proveito. O fortalecimento das indústrias latino-americanas e o aumento de seus negócios na região beneficiam toda a América Latina.

Devemos estar abertos à conjugação de esforços em áreas novas; no desenvolvimento de tecnologias e na valorização de produções culturais próprias; fazendo-as mais presentes em toda a região. Buscar áreas produtivas em que possamos mostrar uma vantagem sobre outras regiões.

Este XXII Congresso Latino-

• O processo de redemocratização por que passam vários países da América Latina é uma razão a mais para se acreditar na possibilidade de ampliação das suas economias. A democratização aumenta as demandas das classes de mais baixa renda e tende a incorporar essas camadas dos mercados de consumo e produção.

• A prioridade externa do Brasil é a América Latina.

• Além das possibilidades de aumentar o comércio na região, existem outros pontos em comum na América Latina que favorecem o entendimento, como uma apreciação convergente da crise internacional e um esforço semelhante pela realização de uma negociação política da dívida externa.

Américo de Industriais não apenas propiciará a oportunidade para uma troca de idéias entre industriais de diferentes países e para a apresentação de sugestões que possam levar

ao desenvolvimento regional. Ele permitirá também a realização de contatos visando concretamente à promoção de negócios.

Dos governos depende apenas a formalização dos instrumentos que possibilitem percorrer esse longo caminho em direção à integração. Depende somente à expressão clara da vontade política de nossos povos. E nossos governos já deram os primeiros passos. Mas é da sociedade, e do papel proeminente dos industriais, que depende o êxito das iniciativas que já estão em curso.

Uma coisa eu posso garantir. Meu governo estará ao lado de todos aqueles que desejem empregar seus esforços criativos no estreitamento econômico entre o Brasil e os demais países latino-americanos, porque sabemos que quanto mais próximos estivermos uns dos outros, nos planos político, econômico e cultural, mais enriquecidos estarão nossos povos e mais fortalecida estará nossa identidade.

No passado, estivemos, nos países da América Latina, de costas uns para os outros, contemplando nossas antigas metrópoles e os grandes centros da economia mundial. Mas um novo espírito ganhou nossas consciências. Agora estamos de frente uns para os outros. E sabemos que o destino da América Latina está em nossas mãos.